

**EDUCAÇÃO
BÁSICA EM
DISPUTA**

O JOGO DOS EMPRESÁRIOS
NO MERCADO MUNDIAL
DO CONHECIMENTO
NO SÉCULO XXI

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP
Prof. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp
Prof. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp
Prof. Dr. Elton Luiz Nardi – Unoesc
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC
Prof. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp
Prof. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas
Prof. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp
Prof. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS
Prof. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS
Prof. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR
Prof. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Prof. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho
Prof. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján
Prof. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata
Prof. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Camila Azevedo Souza

**EDUCAÇÃO
BÁSICA EM
DISPUTA**

O JOGO DOS EMPRESÁRIOS
NO MERCADO MUNDIAL
DO CONHECIMENTO
NO SÉCULO XXI

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Camila Azevedo

Educação básica em disputa : o jogo dos empresários no mercado mundial do conhecimento no século XXI / Camila Azevedo Souza. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-86089-22-6

1. Educação 2. Educação - Finalidades e objetivos 3. Educação básica 4. Educação pública 5. Mercado 6. Política educacional I. Título.

21-67804

CDD-371

Índices para catálogo sistemático:

1. Política educacional : Educação 371

gerência editorial: Vande Rotta Gomide

ilustração da capa: Juliana Eros Azevedo Souza

revisão dos originais: Neusa Marina Ferreira da Silva

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final: da autora

bibliotecária: Maria Alice Ferreira – CRB-8/7964

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 1

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Agradecimentos

Aos grandes mestres que marcaram minha trajetória acadêmica, especialmente a minha querida orientadora Sonia Rummert, o professor André Martins, o professor José Rodrigues e a professora Lúcia Neves, exemplos de coerência entre teoria e prática, pela relação intelectual e afetiva nutrida.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, pelo comprometimento coletivo do corpo docente, da coordenação e da secretaria com uma sólida formação técnico-científica e ético-política.

Ao Grupo de Pesquisa Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores, da Universidade Federal Fluminense, ao Grupo de Pesquisa em Trabalho, Educação e Política Educacional, da Universidade Federal de Juiz de Fora, e ao Coletivo de Estudos sobre Política Educacional, quando estive vinculado à Fundação Oswaldo Cruz e à Universidade Federal de Juiz de Fora, pelos momentos de construção coletiva do conhecimento.

Às agências que, em diferentes momentos, concederam bolsas de estudos, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, por viabilizarem as condições materiais para o desenvolvimento da minha pesquisa de Doutorado.

À minha querida família, especialmente meu companheiro Diogo, meus pais Robson e Andréia, meus irmãos Robson Jr. e Juliana e meus cunhados Luale e Mike, pelo apoio, porto seguro e amor incondicional.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
<i>Sonia Maria Rummert</i>	
INTRODUÇÃO	17
Capítulo 1	
ESTADO EDUCADOR NO SÉCULO XXI: MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL E ESTRATÉGIAS DO CAPITALISMO NEOLIBERAL DE TERCEIRA VIA	27
Capítulo 2	
MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO SÉCULO XXI: CONSULTOCRACIA EM REDE E EFICÁCIA GERENCIALISTA	61
Capítulo 3	
MCKINSEY & COMPANY E MUNDIALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: REDE DE RELAÇÕES MUNDIAIS COM INTELLECTUAIS ORGÂNICOS DO CAPITAL	115
Capítulo 4	
DIREITA PARA O SOCIAL NO BRASIL E EM PORTUGAL: DESENVOLVIMENTO DESIGUAL E COMBINADO	199

Capítulo 5

MCKINSEY & COMPANY E EDUCAÇÃO BÁSICA

NO BRASIL: AS RELAÇÕES COM O TPE 251

Capítulo 6

MCKINSEY & COMPANY E EDUCAÇÃO BÁSICA

EM PORTUGAL: AS RELAÇÕES COM A EPIS 307

CONSIDERAÇÕES FINAIS 381

REFERÊNCIAS 389

LISTA DE SIGLAS 433

PREFÁCIO

Sonia Maria Rummert

Vivemos tempos adversos, em que o ar parece tão pesado quanto o chumbo, como o sentia o poeta turco Nâzım Hikmet, perseguido em seu país, nas primeiras décadas do século XX, por ser integrante do Partido Comunista da Turquia e participante das lutas contra a monarquia. Sob a metáfora do peso do chumbo, vivemos, sobrevivemos, lutamos, resistimos. Se a sobrevivência e a resistência são, muitas vezes, árduas, também nos propiciam alegrias e inequívocos sinais de alento e esperança. É nesse conjunto de sinais animadores que incluo o livro *Educação básica em disputa*: o jogo dos empresários no mercado mundial do conhecimento no século XXI, escrito por Camila Azevedo Souza.

O trabalho, fruto de sua tese de Doutorado, traz as marcas do que nos move: a luta incessante em defesa da educação básica e superior públicas, laicas, de qualidade socialmente referenciada e, também, socialmente controladas e geridas. Ao tratar de questões relativas à mercantilização da educação básica no século XXI, munida de rigor teórico-metodológico e de sólido conhecimento das categorias estruturantes do materialismo histórico – às quais dá vida com sua pesquisa empírica –, a autora move-se com desenvoltura no espaço acadêmico. Evidencia, assim, que a universidade e a

ciência, faces complementares de um todo dialético, assim como a arte, estão vivas e resistem, apesar dos múltiplos e incessantes ataques que se agudizam nos regimes totalitários, como o que hoje nos afronta no Brasil.

Tais circunstâncias, agravadas pela crise sanitária da pandemia mundial e pela grave crise socioeconômica a ela acoplada, explicitam, na realidade, a grave crise do capital em sua atual fase de acumulação. Em decorrência, a centralidade da questão da classe social se apresenta como ferramenta indispensável quando buscamos a gênese das contradições, das fragilidades e das desigualdades estruturais, ou seja, toda sorte de formas de expropriação* que atingem a classe trabalhadora mundial e, em particular, a de países como o Brasil, caracterizado por seu capitalismo dependente (Fernandes 1995).

Não é demais sublinhar que a noção de classe, aqui cientificamente compreendida, se afasta de qualquer perspectiva dogmática, rígida e a-histórica, uma vez que expressa o rico processo de constituição do indivíduo como ser social e, portanto, sujeito histórico concreto. Essa perspectiva possibilita identificar a grande potência da categoria classe social, por sua dimensão aglutinadora. As essenciais questões de gênero e as étnico-raciais, por exemplo, tornam-se mais candentes e mais complexas se considerarmos as determinações estruturais que as atravessam, construindo de modo próprio suas particularidades.

A partir dessa perspectiva, que deriva do reconhecimento da centralidade do confronto permanente entre capital e trabalho, base da luta de classes na constituição das sociedades modernas, é que podemos analisar as questões relativas à educação. Em particular no que se refere à educação da classe trabalhadora, estamos diante de um inequívoco exemplo de como as possibilidades de acesso

* Conforme Marx (1984, p. 262, grifo meu), a expropriação “rouba dos trabalhadores seus meios de produção e *todas as garantias de sua existência*”.

ao conhecimento são atacadas e fragilizadas pelos mais variados processos de expropriação impostos aos que estão colocados em condição de subalternidade, em particular nas sociedades capitalistas dependentes.

É, sobretudo, nessas sociedades que o empresariamento da educação adquire uma dimensão quase avassaladora, valendo-se por exemplo das estratégias de consultocracia e de gerencialismo que se alastram em nível mundial, como constatamos neste livro. Nele a autora evidencia como se agudiza, da forma cada vez mais intensa, o projeto político-econômico de transformação do direito social em mercadoria, na permanente disputa entre projetos de sociedade. É precisamente no âmbito das relações de hegemonia e dos interesses mercantis e ideológicos dominantes que incidem sobre a educação básica, que se constrói o jogo dos empresários no mercado mundial do conhecimento no século XXI, processo aqui analisado de forma exemplar.

Neste trabalho, a autora volta-se tanto para a correlação de forças mais ampla da atual divisão internacional do trabalho, como também para aquelas próprias dos países que elege para analisar – Brasil e Portugal –, com seus processos específicos de correlação de forças e historicidades próprias, embora entrelaçadas. A assinalar também que, coerentemente com esse propósito, todo o percurso da pesquisa visou a apreender cada vez mais amplas parcelas da totalidade do sistema do capital que, no âmbito de educação, abriga de forma intensificada neste novo século, estratégias mundializadas e de mercantilização da educação básica.

Ao abordar aspectos fundamentais relativos à complexificação do padrão capitalista de sociabilidade, tal como se expressa atualmente na educação, o livro reúne, de forma sistematizada e orgânica, conhecimento acerca da educação destinada à classe trabalhadora segundo os interesses dominantes em uma perspectiva original, à luz dos fundamentos da relação Trabalho-Educação.

Mais complexa e rica se torna a análise por abordar tais estratégias numa perspectiva comparada entre Brasil e

Portugal, como já assinalado. Cabe sublinhar o fato de que os estudos comparados aqui empreendidos não passam ao largo das especificidades dos dois países, enquanto expressões particulares do processo de desenvolvimento desigual e combinado que caracteriza o modo de produção capitalista (Fernandes 1968; Trotsky 2000).

Assim, a análise apresentada pela autora toma como pressuposto o fato de que a educação é, sempre, expressão das contradições de totalidades histórico-sociais concretas, no âmbito das quais se constitui. Essa perspectiva afasta a pesquisa empreendida de quaisquer generalizações a-históricas, bem como da mera apresentação de dados particulares e justapostos, frequente em estudos comparados marcados por equívocos teórico-metodológicos já largamente criticados na literatura especializada. Ao contrário, o trabalho coaduna-se com as orientações de Ciro Flamarion Cardoso, para quem o método comparativo possibilita superar as singularidades estritas, bem como retomar aos casos singulares de forma enriquecida em decorrência da ampliação teórica resultante da comparação (Cardoso 1983). Assim, são superadas as análises restritas aos parâmetros do Estado-Nação, como unidade de análise (Canário 2006).

Como afirmado na Introdução, foi objetivo da autora desvelar o jogo de interesses “que atravessa a disputa pela educação básica no mercado mundial do conhecimento”. No desenvolvimento da argumentação, é evidenciado que Brasil e Portugal constituem “duas realidades concretas que, na totalidade do movimento histórico das formações sociais capitalistas, na atual divisão internacional do trabalho, apresentam tanto mediações como particularidades significativas”, conforme o final do Capítulo 3. O livro guarda, ainda, o mérito de detalhar o papel decisivo de intelectuais orgânicos do capital como articuladores de um jogo de poder e de interesses que expressa o projeto político-ideológico da classe dominante, seguindo, de forma própria, as indicações do caminho teórico-metodológico percorrido, ainda na década de 1980, pelo cientista político e historiador René Armand Dreifuss (1989).

A continuidade da exposição nos apresenta, com riqueza de detalhes, os processos que precederam e aqueles que, até a atualidade, vêm constituindo a intensificação dos interesses mercantis no movimento de mundialização da educação básica e, nesse processo, a atuação decisiva de organismos internacionais como, por exemplo, o Banco Mundial, o Fórum Econômico Mundial, a OCDE e a OMC. Desvela-se, assim, uma complexa teia de relações cuja tessitura envolve, por exemplo, agências como a McKinsey, o Todos Pela Educação (TPE) e a organização Empresários pela Inclusão Social (Epis) num projeto político mundial que metamorfoseou a ortodoxia neoliberal e remodelou a sociabilidade capitalista. Esse processo, evidenciado na análise do conjunto das relações sociais que atravessa a atuação das entidades investigadas, está imbricado ao reordenamento mundial das forças burguesas, tal como vêm se constituindo desde o final do século passado.

O processo complexo e intenso de deslocamento da concepção de educação como direito – nos marcos do modo de produção capitalista – para a concepção de educação como mercadoria, subordinada portanto aos interesses imediatos de mercado, vem se mostrando extremamente atrativo, sedutor e repleto de potencial, sobretudo no Brasil, como podemos constatar, por exemplo, analisando a situação da educação superior. No caso da educação básica, de que trata este livro, são várias as formas de atuação do empresariado, cuja investida, no Brasil, é capitaneada pela coalizão dos empresários reunidos no TPE (Bradesco, F. Lemann, Gol, Itaú, Natura, Vale do Rio Doce, dentre outros).

De forma genérica, podemos identificar que as principais formas de atuação desses grupos estão marcadas, nas últimas décadas, pela lógica que lhes dá suporte, centrada na consultocracia em rede e na estratégia gerencialista. Essa atuação é empreendida pelos autodenominados investidores sociais privados, representados por fundações, institutos e empresas que desenvolvem e implementam programas a partir de diferentes tipos de parceria com órgãos públicos de administração direta ou indireta como,

por exemplo, Secretarias Estaduais ou Municipais de Educação, diretorias regionais de ensino ou o próprio Ministério da Educação.

Nesse conjunto de atividades encontramos, com destaque cada vez mais ampliado, o ensino a distância. É sobretudo no âmbito dessa modalidade que cresce o mercado educacional. Seu potencial mercadológico, ainda parcialmente explorado, fica claro, em destaques dos meios de comunicação empresariais, ao afirmarem, por exemplo, que no período de 2013 a 2017, embora o número de empresas ativas no Brasil tivesse apresentado queda permanente, aquelas ligadas ao mercado educacional caminhavam em direção oposta. Exemplificando, era informado que, no período, o número de empresas ligadas à educação apresentou um crescimento de 37,5% (Silveira 2019).

Agora, nesta grave situação de pandemia, desvela-se, mais uma vez, o caráter desumano do modo de produção capitalista, como podemos constatar, por exemplo, em matéria divulgada pela empresa Partners de comunicação empresarial, em que se afirma: “O Fórum Econômico Mundial atenta ainda para o fato de que os transtornos causados pela pandemia da COVID-19 geram também uma face menos negativa e traumática para o mercado, que é a inovação educacional” (Partners Comunicação Pro Business 2020).

Essas considerações acerca do mercado de educação, inscrito como sabemos no amplo mercado do conhecimento, objetivam apenas trazer breves exemplos que sublinham a relevância das questões tratadas em profundidade pela autora. Essa relevância se afirma ainda mais em meio à crise civilizatória gerada pelas ameaças da extrema-direita e pela crise sanitária, social e econômica agudizada pela pandemia. Tal crise partilha a mesma sorte da crise no capitalismo mundial, mas é marcada pelas particularidades de nossa história.

Deve-se assinalar, também, que a leitura do presente livro possibilitará ao leitor travar contato com um trabalho em que estão articuladas, com maestria, a lógica da investigação e a lógica da exposição – distintas, como tão claramente ensinado por Karl Marx,

mas constituintes de uma mesma tessitura indissociável. A isso se acrescenta mais uma particularidade fundamental e plenamente coadunada com a conjugação do método de investigação e de exposição, tal como se encontra nas melhores obras do materialismo histórico: a independência, a coerência e a maturidade intelectuais da autora, o que deu vida aos mais variados procedimentos de pesquisa por dominar, sem dogmatismos, a fundamentação teórico-metodológica sobre a qual construiu sua produção intelectual e, mais que isso – com inspiração gramsciana –, sua concepção de mundo.

Vivemos um período de trágica excepcionalidade, atirados em situação avassaladora, que nos atinge de múltiplas maneiras e é regida pela lógica da negação dos direitos e da ciência. Em meio à premência de defender, em simultâneo, a vida e a frágil democracia burguesa que historicamente construímos, faz-se necessário conhecer, em profundidade, as reais dimensões das ameaças a enfrentar.

Nesse processo, e para além dele, o livro que a autora partilha com os leitores constitui um trabalho de referência, como a agradável leitura certamente irá comprovar. Considero que este livro constitui contribuição essencial para construir alternativas às proposições dominantes já em curso, bem como para fazer frente aos novos desafios advindos das cada vez mais intensas estratégias de privatização da educação pública e de anulação dos projetos de formação humana, preteridos em prol da (con)formação e da aquisição precária de competências estéreis.

Ao finalizar esta breve apresentação desejo mencionar o enorme prazer que o acompanhamento dos estudos que precederam este trabalho me propiciou, ao partilhar com Camila, em diálogos ricos e desafiadores, as possibilidades decorrentes de sua radicalidade teórico-metodológica, de sua determinação e de seu entusiasmo em relação à pesquisa. Partilhamos conhecimento, companheirismo e afeto, tendo sido um privilégio ser uma interlocutora que acompanhou, e aprendeu, em nossos anos de convívio.

Referências

- CANÁRIO, Rui (2006). *A escola tem futuro? Das promessas às incertezas*. Porto Alegre: Artmed.
- CARDOSO, Ciro Flamarion (1983). *Os métodos da história*. Rio de Janeiro, Graal.
- DREIFUSS, René Armand (1989). *O jogo da direita: na Nova República*. Petrópolis: Vozes.
- FERNANDES, Florestan (1968). *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1995). “Capitalismo dependente e imperialismo”, in: FERNANDES, Florestan *Em busca do socialismo: últimos escritos e outros textos*. São Paulo: Xamã.
- MARX, Karl (1984). *O Capital*. Volume 1, Livro Primeiro, Tomo 2, Capítulo XXIV. São Paulo: Victor Civita. (Coleção Os Economistas)
- PARTNERS COMUNICAÇÃO PRO BUSINESS (2020). *O mercado da educação pós-pandemia*. Partners Comunicação Pro Business, 25 maio. Disponível em <https://www.partnerscom.com.br/blog/2020/mercado-educacao-pos-pandemia/>. Acesso em: 12/06/2020.
- SILVEIRA, Daniel (2019). “Em meio à crise, mercado de educação é o que mais cresce em número de empresas no Brasil, diz IBGE.” *G1*, 26 jun. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/06/26/em-meio-a-crise-mercado-de-educacao-e-o-que-mais-cresce-em-numero-de-empresas-no-brasil-diz-ibge.ghtml>. Acesso em 15/12/2019.
- TROTSKY, León (2000). *La teoría de la revolución permanente* (compilación). Buenos Aires: CEIP.

INTRODUÇÃO

No movimento histórico do capitalismo monopolista, com a complexificação da produção social da existência e as metamorfoses da cultura urbano-industrial, a educação básica assume um papel expressivo na (con)formação técnico-científica e ético-política para o trabalho/vida.

A instituição escolar se configura, assim, como objeto de interesse de classe, principalmente por sua crescente generalização como “local *específico* de formação inicial para o trabalho, embora não esgote todo o processo de formação humana” (Melo *et al.* 2015, p. 29, grifo no original).

Diante da intensa expropriação da classe trabalhadora em escala planetária, como resultado “da própria reprodução ampliada do capital” (Mattos 2017, p. 128), o recrudescimento da subsunção da educação básica aos imperativos de mercantilização revela a perversidade dos interesses burgueses na adaptação psicofísica do novo homem coletivo no século XXI.

Isso significa que continua premente, em termos gramscianos, tanto a luta contra-hegemônica por uma escola desinteressada, voltada à formação omnilateral, ou seja, uma escola unitária de cultura geral e ligada à vida, quanto a arma da crítica para evidenciar a dinâmica da classe dominante na defesa de uma escola imediatamente interessada na formação para o trabalho simples.

A compreensão da dimensão da luta de classes que atravessa as concepções e ações de escolas desinteressadas e imediatamente interessadas pode ser adensada com a análise da correlação de forças entre as frações da classe dominante no âmbito tanto da articulação hegemônica como no das disputas para explorar a educação básica como nicho de mercado.

Nesse sentido, o presente estudo analisa o atual jogo de interesses que atravessa a disputa pela educação básica no mercado mundial do conhecimento. Trata-se de uma adaptação de minha pesquisa de Doutorado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, sob orientação da professora Sonia Maria Rummert, na linha de pesquisa Trabalho e Educação.

O objetivo geral é apreender os vínculos estratégicos da empresa internacional de consultoria *McKinsey & Company*, no âmbito de sua abordagem sobre sistemas escolares, seguindo um caminho teórico-metodológico inspirado em Dreifuss (1989) para identificar as adesões e tensões entre sujeitos, eventos e práticas que apontam os protagonistas do jogo dos empresários na educação básica.

Os interesses da McKinsey em torno da regressão da educação escolar de direito social a um serviço mercantil revelam uma manifestação emblemática da disputa entre empresas de consultoria, em adesão e/ou tensão com as diferentes frações burguesas, pela venda de serviços e produtos para a educação básica, bem como pela incorporação de determinadas formulações na constante atualização do projeto educativo hegemônico. Este estudo identifica, mais especificamente, a capilaridade e a abrangência da rede de relações mundiais da McKinsey para a educação básica, com ênfase na articulação com o movimento contemporâneo da mundialização da educação e suas mediações com a política de parcerias para a educação básica difundida nas formações sociais brasileira e portuguesa, sobretudo na articulação com o organismo

Todos pela Educação (TPE) e com a associação Empresários pela Inclusão Social (Epis).

A delimitação do foco de análise emergiu de minha pesquisa de Mestrado, cujo estudo comparado da atuação do empresariado na política de educação básica do Brasil e de Portugal revelou a consolidação de um projeto educativo articulado mundialmente e protagonizado pela classe empresarial sob a lógica da política de parcerias, com destaque para o vínculo de consultoria da McKinsey com o TPE e a Epis, apontando a necessidade de aprofundar a investigação sobre esse vínculo (Souza 2014).

Criada na conjuntura estadunidense da década de 1920, a McKinsey é atualmente reconhecida como uma das maiores consultoras estratégicas do mundo, sendo uma das *Big Three*, ao lado das concorrentes *Bain & Company* e *Boston Consulting Group* (BCG). Ao lançar seu Setor Social, no início do século XXI, a empresa elegeu a educação como uma das áreas de serviços comercializados pela McKinsey, divulgando, desde 2007, sua *expertise* em soluções voltadas à educação básica, de forma mais sistemática, por meio dos seus relatórios sobre sistemas escolares.

O britânico Michael Barber é um *expert* emblemático, com papel expressivo na consolidação dos serviços e produtos educacionais da McKinsey no mercado mundial do conhecimento. Após atuar na sociedade política do período de governo Tony Blair, como assessor principal do Secretário de Estado da Educação em Padrões Escolares, de 1997 a 2001, e como diretor da *Prime Minister's Delivery Unit* (PMDU), de 2001 a 2005, Barber ingressou no escritório de Londres da McKinsey, atuando, de 2006 a 2011, como um sócio especialista – *expert partner* e líder da Prática de Educação Global – *Global Education Practice*. Em seguida, atuou na *Pearson PLC* – a maior empresa de educação do mundo –, de 2011 a 2017, e fundou a *Delivery Associates*, empresa na qual atua desde 2014.

Nas formações sociais brasileira e portuguesa, a gênese do TPE e da Epis, entidades empresariais oficializadas em 2006,

revela uma mediação importante que se traduz na convergência de uma atuação orgânica do empresariado sob a justificativa do envolvimento de “todos” na educação.

A tese defendida é a de que, no desenvolvimento desigual e combinado da atual divisão internacional do trabalho, uma insaciável e avassaladora indústria especializada em assuntos educacionais impulsiona um processo de “mercantilização via consultocracia em rede”, o que é alimentado pela atuação hegemônica dos intelectuais orgânicos que se articulam ao bloco no poder e à direita para o social das diferentes formações sociais no movimento da mundialização da educação, cimentando forças para a classe dominante dirigir e implementar, mundialmente, a reforma empresarial da educação básica por meio de redes socioeconômicas e políticas tecidas concatenadamente.

Nessa correlação de forças, diante de uma vida cada vez mais assolapada pela lógica da mercantilização, agudiza-se a subsunção da educação básica aos interesses burgueses sob novas dimensões, intensificando a transmutação da educação como nicho de mercado a ser explorado pela burguesia de serviços, principalmente pelo empresariado de consultoria que materializa seus interesses a partir de um duplo movimento: produzindo formulações político-ideológicas que incitam o caos para criar demanda à venda de soluções educacionais chanceladas pela *expertise* gerencialista; e produzindo tecnologias que incorporam tais formulações em pacotes de soluções educacionais a serem vendidos pelos “expertos” do mercado do conhecimento.

O estudo está fundamentando no materialismo histórico, reafirmando o método da economia política elaborado por Marx como uma perspectiva epistemológica imbricada à dimensão ontológica do ser social, cujo interesse não incide “sobre um abstrato ‘como conhecer’, mas sobre ‘como conhecer um objeto real e determinado’” (Netto 2011, p. 27), visto que a realidade concreta é constituída pelo movimento histórico de sujeitos singulares e coletivos, sendo os modos de ser e de viver tanto sedimentados pelas

estratégias da classe dominante, como tecidos pelas experiências da classe trabalhadora.

Tendo em vista a relação dialética entre subjetividade e objetividade, compreende-se que a produção social da existência é o primeiro pressuposto de toda a existência humana; ou seja, “os homens têm de estar em condições de viver para poder ‘fazer história’” (Marx e Engels 1845-1846[2007, pp. 32-33]). Isso implica que a vida determina a consciência, sob uma perspectiva “de fixar limites e exercer pressões”, negando qualquer noção prefigurada e estática (Williams 1980[2011, p. 44]); que a classe social é uma categoria relacional que “deriva de processos sociais através do tempo” (Thompson 1977[2001, p. 270]); e que os sujeitos singulares são homens-coletivos “conformistas de algum conformismo” que “compartilham um mesmo modo de pensar e de agir” (Gramsci 1929-1935[2013, p. 94]).

Seguindo a indicação teórico-metodológica de trabalhar as categorias como fios condutores da investigação, da análise e da exposição (Kuenzer 1998), a fundamentação nas categorias do método do materialismo histórico possibilitou apreender a atuação da McKinsey na educação básica, em suas múltiplas dimensões, tomando-se sua articulação na totalidade, as contradições e mediações envolvidas e o processo de mudanças em curso, no tempo histórico, nas formações sociais capitalistas.

Além disso, a delimitação de categorias de conteúdo contribuiu com ferramentas de análise para a compreensão específica do recorte empírico da pesquisa.

O conceito de intelectual orgânico do pensador marxista italiano Antonio Gramsci foi fundamental para apreender o *modus operandi* da McKinsey no conjunto das relações sociais, tendo em vista o complexo processo hegemônico que subordina moral e intelectualmente toda a sociedade por meio da atuação orgânica de intelectuais difusores e organizadores das concepções de mundo que expressam os modos de pensar, agir e sentir que asseguram

a dominação de classe na realidade concreta (Gramsci 1929-1935[2000 e 2014]).

Por outro lado, as contribuições de outros autores marxistas sobre os processos de mercantilização, mundialização e reforma empresarial da educação foram fundamentais para apreender o *modus operandi* da McKinsey no âmbito específico dos interesses pela educação básica.

No que se refere ao processo de mercantilização, destaca-se a dupla face mercantil da educação, caracterizada, por um lado, pelos interesses na educação-mercadoria, abrangendo a venda de serviços educacionais, e, por outro, pelos interesses na mercadoria-educação, abrangendo a educação e o conhecimento como insumos à produção de outras mercadorias (Rodrigues 2007), o que converge com a compreensão da dupla lógica de mercado, configurando tanto a consolidação do “mercado do conhecimento” como o aprofundamento do “conhecimento para o mercado” (Neves e Pronko 2008).

Em relação ao processo de mundialização, além da incorporação hegemônica das orientações dos organismos internacionais em reformas educacionais alicerçadas no projeto neoliberal (Melo 2003 e 2005), torna-se evidente a legitimação de diretrizes internacionais no chão da escola por meio da ação política de redes sociais, sob o protagonismo de empresários no entrelaçamento de organizações públicas e privadas de níveis internacionais e nacionais (Shiroma 2012); bem como a privatização neoliberal da educação por meio de parcerias público-privadas, sob o protagonismo de redes de empresários e especialistas em educação, com destaque para a configuração de serviços globalizados e de práticas de consultocracia (Robertson 2012).

No que se refere ao processo de reforma empresarial, há uma coalizão hegemônica constituída por reformadores corporativos/empresariais da educação, evidenciando os interesses mercadológicos em (con)formar a escola pública à imagem e semelhança da cultura empresarial (Ravitch 2010[2011]; Freitas 2012), o que converge

com a compreensão do movimento conservador pela reforma da educação pública, explicitando a perversidade de uma lógica privatizante que intensifica a canibalização do Estado por interesses privados (Foster 2011[2013]).

Além disso, no que se refere, mais especificamente, às mediações da McKinsey com as políticas de parceria do TPE (Brasil) e da Epis (Portugal), observa-se que a responsabilidade social é a nova ideologia da classe empresarial no mundo contemporâneo, configurando o empresariado como a direita para o social, uma força social de novo tipo que consolida um novo padrão de sociabilidade, sob a perspectiva de um suposto capitalismo de face humanizada capaz de conciliar fundamentos da economia de mercado com justiça social (Martins 2009a).

O processo de investigação foi realizado com base em fontes documentais escritas e orais, com um recorte empírico que abarcou as formulações sobre sistemas escolares difundidas pela McKinsey, a partir dos anos 2000, quando a questão educacional começou a ser abordada de forma mais específica no âmbito do Setor Social da empresa.

Além desta introdução, este estudo segue organizado em 6 capítulos. O capítulo 1 inicia o percurso de análise com a contextualização sobre a mundialização do capital no bojo da materialidade das relações sociais que configuram o Estado educador no mundo contemporâneo, partindo do conceito gramsciano de Estado ampliado e do conceito poulantziano de Estado como relação, além da contribuição marxiana sobre Estado e classes sociais, para elucidar a ação político-ideológica do empresariado transnacional no século XX e a sociabilidade do projeto neoliberal de Terceira Via no século XXI.

O capítulo 2 avança com a construção teórica nuclear, levando em conta a análise marxiana sobre mercadoria e as formulações marxistas sobre mercantilização para compreender as mediações dos interesses mercadológicos com a atual dinâmica de mundialização e a reforma empresarial da educação básica, com

ênfase na unidade forma e conteúdo que envolve as estratégias de consultocracia em rede e os fundamentos da eficácia gerencialista.

O capítulo 3 apresenta o trabalho empírico nuclear para apreender o *modus operandi* da McKinsey na totalidade das relações sociais, evidenciando os vínculos estratégicos com intelectuais orgânicos da mundialização da educação básica. Com base nas indicações de Minella (2007 e 2013) e Shiroma (2011 e 2012), esse trabalho foi adensado com a utilização da análise de redes sociais como um procedimento de pesquisa para identificar, mapear e visualizar graficamente a rede de relações mundiais da McKinsey para a educação básica.

Para tanto, desenvolveu-se um duplo mapeamento: (I) identificando os vínculos organizacionais (profissionais e/ou institucionais) dos autores e das pessoas referenciadas nos prefácios e agradecimentos dos relatórios da McKinsey sobre sistemas escolares, mapearam-se os contextos de atuação dos sujeitos envolvidos na articulação territorial referente à produção de tais relatórios, com destaque à utilização da ferramenta *Google Charts* na elaboração de uma representação geográfica da intensidade de tais contextos de atuação; (II) analisando a lógica de pré e pós-vinculação à McKinsey, no âmbito das trajetórias acadêmico-profissionais e sociopolíticas dos *experts* da abordagem sobre sistemas escolares, mapeou-se a dinâmica de atuação dos sujeitos envolvidos na constituição da rede de relações mundiais referente à disseminação de tal abordagem, com destaque à utilização do programa *Microsoft PowerPoint* na elaboração de um desenho gráfico da síntese dialética das relações tecidas em tal dinâmica de atuação.¹

1. Antes da elaboração do desenho gráfico no programa *Microsoft PowerPoint*, foram esquadrinhadas algumas possibilidades de desenhos gráficos por meio do programa *UCINET 6*, com o módulo *NetDraw*. No âmbito mais geral de sistematização dos dados, as ferramentas *MySQL Server Community* e o *SQLYog Community* foram utilizadas para a organização de quadros e tabelas sobre os vínculos identificados. Além disso, como os dados dos

O capítulo 4 apresenta as bases do estudo comparado da atuação da classe empresarial na educação básica brasileira e portuguesa, partindo da análise trotskista sobre a lei do desenvolvimento desigual e combinado para evidenciar uma contextualização da atual dinâmica do Brasil e de Portugal no conjunto das relações sociais capitalistas. Nesse sentido, alicerçando o estudo comparado no materialismo histórico, compreende-se a analogia como o ponto de partida para a comparação, identificando-se diferenças e semelhanças na relação com o outro, sob a perspectiva de apreender a historicidade dos acontecimentos, contextualizando-os no tempo, no espaço e nas formações sociais concretas em que se materializam (Ciavatta 2009), cujo processo de análise se afasta dos modelos “quantitativos utilitaristas e funcionalistas”, bem como dos “qualitativos culturalistas” (Silveira 2011, p. 16).

Os capítulos 5 e 6 finalizam o livro com outro mergulho empírico, enriquecendo o estudo comparado a partir das convergências e especificidades da articulação da McKinsey com as políticas de parceria, para a educação básica, disseminadas nas formações sociais brasileira e portuguesa, com ênfase nas mediações do TPE e da Epis.

Por isso, o trabalho empírico foi desenvolvido sob uma dupla perspectiva: (I) contextualização inicial sobre a atuação da McKinsey, com base em pesquisa de caráter exploratório nas versões online dos jornais Folha de S. Paulo, Público e Diário de Notícias; (II) aprofundamento sobre a articulação da McKinsey com o TPE e a Epis, com base em fontes escritas, extraídas de

agradecimentos dos relatórios registram, majoritariamente, os nomes das pessoas sem apontar os respectivos vínculos de pertencimento organizacional, foram realizadas pesquisas via internet para a identificação dos vínculos referentes aos nomes, localizando blogs e perfis pessoais/profissionais, com destaque para a rede social de negócio LinkedIn, e seguindo às páginas das organizações então identificadas para verificação dos vínculos.

publicações institucionais, bem como fontes orais, advindas de entrevistas semiestruturadas (Boni e Quaresma 2005).²

Por conseguinte, a presente obra tem a intenção de contribuir com a compreensão das práticas de consultocracia, para além de suas formas imediatas e aparentes (Kosik 1963[1976]), explicitando as relações de hegemonia e os interesses que permeiam a educação básica no jogo dos empresários no mercado mundial do conhecimento no século XXI.

Considerando que o atual movimento da mundialização do capital, uma fase específica do processo de internacionalização do capital e de sua valorização (Chesnais 1994[1996]), passou a ser mediado pela dinâmica do capitalismo neoliberal de Terceira Via (Martins e Neves 2015), um projeto político mundial que metamorfoseou a ortodoxia neoliberal e remodelou a sociabilidade capitalista, compreende-se que o conjunto das relações sociais que atravessa a atuação das entidades investigadas (McKinsey, TPE e Epis) está imbricado ao reordenamento mundial das forças burguesas no final do século XX e início do século XXI.

2. As entrevistas foram especificamente realizadas para minha pesquisa de Doutorado, sendo os procedimentos de entrevistas semiestruturadas desenvolvidos durante estágio de doutoramento intercalar no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Inicialmente, foram elaborados os roteiros e realizadas as entrevistas com a Epis e duas escolas portuguesas, o que serviu de base para a realização posterior da entrevista com o TPE. Além do contato por telefone e e-mail, a entrevista com a Epis foi realizada em 03 de novembro de 2017, após contato pessoal viabilizado pela participação em evento promovido pela entidade – “Atlas da Educação 2017 | Contextos sociais e locais do sucesso e insucesso”. Após contato por telefone e e-mail com três escolas ainda vinculadas à Epis, houve retorno de uma escola de Figueira da Foz e de uma escola de Coimbra, cujas entrevistas foram realizadas em 20 e 21 de fevereiro de 2018. Após contato por e-mail, a entrevista com o TPE foi realizada em 30 de outubro de 2018. O contato com a McKinsey ocorreu tanto em Portugal como no Brasil, mas não houve retorno à solicitação para realizar entrevistas.